

# Objetivo é governo mais perto do povo

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

Na viagem de volta de Recife para Brasília, no começo da noite de sábado, o presidente José Sarney aproveitou o sossego do Boeing 001 da Força Aérea para conversar, em grupos e isoladamente, com os ministros que o acompanharam. Fez para eles uma espécie de balanço ou autocrítica das primeiras semanas de seu governo e, mesmo admitindo as dificuldades naturais e conjunturais que envolvem a administração, revelou-se insatisfeito. Estava tenso, apesar da boa recepção popular que colheu na capital pernambucana. Viajavam com ele os ministros da Justiça, Fernando Lyra, da Fazenda, Francisco Dornelles, do Planejamento, João Sayad, da Educação, Marco Maciel, do Interior, Ronaldo Costa Couto, e da Saúde, Carlos Sant'Anna. Nenhum, é óbvio, foi admoestado ou responsabilizado pela insatisfação do presidente, muito menos o conjunto. "Se a alguém deve ser debitado algum ônus, eu sou o primeiro a assumi-lo" — ele comentou, acrescentando, no reverso da medalha, que também a ele cabe encontrar as soluções e corrigir possíveis erros e desacertos.

Preocupa-se José Sarney com a necessidade que tem a Nova República de apresentar-se realmente nova. Muitas iniciativas foram tomadas, de 15 de março para cá. Algumas produzem efeito, outras estão em andamento, mas o que ele esperava, na realidade, era já poder assistir ao começo da mudança de imagem do Executivo que chefia. Os problemas permanentes precisam de solução, dos econômico-financeiros aos que envolvem o aprimoramento político e a reconstrução democrática, mas situa-se no plano social aquilo que transmitirá ao País a certeza de o governo ser outro, como outros são os objetivos.

Sarney aproveitou para repetir no voo de Recife a Brasília que, quando governador do Maranhão, se acostumou não só a mandar elaborar soluções, mas a implementá-las e a acompanhar pessoalmente sua execução até a ponta da linha. Sempre quis sentir os resultados, ou de que maneira eles chegavam à população. Não está conseguindo fazer isso, agora. O chamado Plano de Emergência, anunciado em recente reunião ministerial, precisa produzir efeitos imediatos, mas ainda não o fez. As prioridades foram definidas dentro dos limites do possível e da falta de recursos, mas devem surtir efeito. O pior de tudo para um governo é perceber que, apesar de todos os esforços, se vê envolvido pela rotina e não consegue quebrar o círculo de giz de seu dia-a-dia. Especialmente um governo como o atual, que veio para mudar, exprimindo novos tempos, novo regime e, como salientou Tancredo Neves, Nova República.

Ficará por conta de cada ministro e de cada interlocutor do presidente da República a reprodução de seus diálogos, que não tiveram o

sentido de reunião ministerial nem de admoestação individual ou grupal, mas de observações sinceras. Sarney tenta demonstrar a disposição de cumprir a principal das metas da Aliança Democrática, que é de recompor as relações do governo com o povo. Do Estado com a Nação. Um de seus primeiros comentários, assim que ficou evidente a impossibilidade de o presidente Tancredo Neves recuperar-se, então transmitido ao repórter em tom de confiança, foi que, se o destino o conduzisse à posição de sucessor, não teria outro compromisso senão o de reformar e recuperar o País. Sua carreira política estaria encerrada, não pensaria mais, como não pensa, em disputar novas eleições e em ocupar outras funções públicas. Dedicar-se, se pudesse, à literatura e às amenas reuniões da Academia Brasileira de Letras, ao final de seu mandato. Se a popularidade viesse, por conta de sua ação, ótimo. Caso não fosse reconhecido seu esforço, paciência. Mas a decisão estava tomada: nem com partidos, nem com grupos, nem com pessoas teria compromissos capazes de afastá-lo do maior deles.

Foi um desdobramento desse raciocínio, semanas mais tarde, já investido da Presidência permanente, que acentuou estar preparado para que não acontecesse com ele o que aconteceu com João Goulart, comentário depois confundido com o que não disse, sobre não se chamar João Goulart. O que enfatizou foi a determinação de não permitir que sua luta pela melhoria social gerasse radicalismos de um lado e de outro. Reformas são necessárias, mas se farão pelo diálogo e pelo debate, até acirrados, jamais pela agitação. Muito menos pela baderna.

Esses detalhes se acrescentam à notícia da insatisfação do presidente da República para que se tenha idéia do que poderá acontecer em relativamente pouco tempo. A postura de Sarney sempre foi tranqüila, ele jamais admitiu explosões ou manifestações de temperamento exaltado, mas, se continuar sentindo que o governo não anda, ou anda em ritmo inferior ao desejado, não hesitará em promover as primeiras alterações. Muito tranqüilamente e até sem altear a voz. Porque seus compromissos maiores são com as mudanças. É claro que respeita a representatividade da Aliança Democrática no Ministério e sua administração assenta nos pilares de sustentação política de seu governo, o PMDB e o PFL. Mas, dentro desse universo, sempre será possível encontrar alternativas.

O Ministério está sendo alertado, e, se a imagem valesse, dir-se-ia que a cor amarela aparece no semáforo particular que cada um dos auxiliares presidenciais de primeiro nível possui em cima de sua mesa de trabalho. E, se para alguns deles vier a ser vermelha, é porque terá sido acionado lá do Palácio do Planalto.